

LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 216 p.

ANÁLISE CRÍTICA: INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS NÃO FUNCIONA?

Autor: Lucas Amâncio Mateus¹

A obra que já recebe no seu título uma importante indagação, é formada por diversos autores, que trazem em cada capítulo sua visão do polêmico tema, baseados em seus estudos e experiências no contexto de ensino da língua em inglesa no ensino público. O livro baseia-se em uma narrativa de aprendizagem de um estudante da língua inglesa, de autoria preservada, e a partir dessa narrativa, insere-se a análise de especialistas que tomam por base suas experiências próprias.

No primeiro capítulo, intitulado pelo autor de “Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade”, Leffa faz considerações sobre o fracasso da língua estrangeira na escola pública. O autor utiliza metáforas para apontar os que costumam ser denominados como culpados pelo fracasso do ensino da língua, os “bodes”, que seriam: o governo, o professor e o aluno, discorrendo sobre o contexto de culpa de cada um. Dessa forma, explícita que governo, professor e aluno formam o triângulo do fracasso escolar e explica que, na perspectiva de culpados e inocentes, um vértice do triângulo é ocupado por um inocente e os outros dois vértices pelos dois culpados.

Sobre a carnavalização do ensino, o autor acredita que a escola pública vive em um estado em que tudo está invertido, retratando um verdadeiro carnaval. Descreve a escola pública como a escola do pobre, e afirma que todos os envolvidos – professor, aluno, gestão e governo – não demonstram preocupação efetiva com o desenvolvimento real do ensino.

No tópico intitulado como cumplicidade, discorre sobre as possíveis soluções para o dilema apresentado, tomando por base a narrativa em que o aluno, agora professor, deseja retornar e fazer a diferença no contexto em que para ele foi ruim. Na perspectiva de solução, defende uma linha de ação que compreende três etapas: a criação de parceria entre professor e os alunos, formando

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Administração pela mesma universidade e Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade de Franca. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/010102792314230>. E-mail: lucasamanciomateus@gmail.com.

uma comunidade na sala de aula; estabelecer, em conjunto, os objetivos que se almejam; buscar os meios necessários para alcançar esses objetivos.

O segundo capítulo, escrito por Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, é intitulado por “Ilusão, aquisição ou participação”, onde a autora destaca que é importante não demonizar a escola pública de forma geral, e entender que mesmo em escolas privadas, encontram-se casos de descaso com a educação, sobretudo com o ensino da língua inglesa, falando sobre a ilusão do aprender língua estrangeira, que demonstra um preconceito nos próprios documentos oficiais brasileiros no que tange à educação.

Através das metáforas de aquisição e participação, discorre sobre a importância de ações que envolvem esses dois conceitos na busca por uma identidade de ensino da língua estrangeira no âmbito nacional, partindo do pressuposto que estimular os alunos a participarem de comunidades imaginadas estimule-os a investir na aprendizagem da língua e a produzir sentido.

O capítulo três, por Telma Gimenez, tem por título “Permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro”, o qual trata sobre a possibilidade de um projeto de formação de professores de inglês que seja um projeto político de intervenção na educação de forma inclusiva e democrática, com o objetivo de alcançar a superação das desigualdades causadas pelo sistema educacional excludente.

Tendo como base a *narrativa 14* (p. 13-14, grifo nosso), que reflete sobre aprendizagem da língua inglesa, em um contexto de falta de domínio do uso da língua, a autora traz apanhados sobre sua visão da formação de professores de inglês “em face de permanências e rupturas”.

No quarto capítulo, intitulado “Vencer Barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão”, Rajagopalan traz um relato de suas experiências, afloradas pela *narrativa 14*, no que tange a ascensão e desequilíbrio que envolve a aquisição da língua inglesa. O autor do capítulo discute sobre o papel do professor, defendendo que é uma vocação, e não apenas uma profissão, explicitando que o professor deve assumir seu papel de educador, e não meramente um “ensinador” de línguas.

O capítulo cinco, de Adelaide P. de Oliveira, tem como título “Era uma vez, um aluno que queria aprender inglês e tornar-se um professor”. A autora fala sobre o papel do professor e sobre o ensino da língua tomando por base a experiência e a narrativa. A primeira diz respeito aos princípios que levam a uma experiência educacional positiva, quais sejam: a continuidade – ou contínuo experiencial – a interação; a situação. A segunda, por sua vez, trata das formas de se

investigar uma narrativa, a qual deve considerar o aspecto pessoal e social, o aspecto temporal e o aspecto local.

O sexto capítulo, sob a autoria de Roberval Araújo de Oliveira, tem por título “A Matrix da LE no Brasil: a legislação e política do fingimento”. O autor faz uma descrição do problema no âmbito nacional, que envolve o descaso do poder público com a estrutura das escolas, assim como para a especificidade do ensino de língua estrangeira. Demonstra que os documentos oficiais do país definem orientações e diretrizes visando a um ensino de qualidade e igualitário, o qual proporcione a estrutura devida e as condições necessárias para um ensino de qualidade, e é justamente com base nesses documentos que o autor intitula a política do fingimento, pois na prática temos uma bem diferente realidade.

Ao tratar de possíveis soluções, indica a necessidade de buscarmos uma mudança em três frentes, que são: a da iniciativa governamental; a da popularização das questões linguísticas na sociedade; e a do empenho desta reivindicação de melhorias para o ensino de LE e valorização da educação linguística.

No capítulo 7, intitulado de “O ensino de inglês na escola pública: do professor postiço ao professor mudo, chegando ao professor crítico-reflexivo”, por Sávio Siqueira, encontra-se uma análise da narrativa 14 pela perspectiva de quem ensina, colocando em ênfase o professor, em que discorre sobre os tipos de professor dentro desse contexto, quais sejam: o professor postiço, o professor mudo e o professor crítico-reflexivo (o que devemos buscar).

O capítulo 8, de John Robert Schmitz, “Diálogo com um professor de língua inglesa sobre a carreira docente e a escola pública”, é construído com base em um diálogo, em que o autor se refere diretamente ao professor da narrativa, compartilhando com ele suas visões e experiências. Além disso, o autor se propõe a responder à pergunta que dá título ao livro, afirmando que não é possível ensinar inglês em escola pública, na condição de os docentes não receberem oportunidades e a infraestrutura para melhorar suas aulas e ter orgulho de seu trabalho. Complementando, afirma a possibilidade de ensinar inglês na escola pública, desde que o professor não seja abandonado, ou seja, que haja o apoio necessário para desenvolvimento de sua competência profissional.

No capítulo 9 – “O lugar de aprender língua estrangeira é a escola: o papel do livro didático”, escrito por Miriam Lúcia e Adriana Maria, como o próprio título demonstra, discorre sobre a importância do livro didático, em que se tem um grande marco de avanço com a inclusão da área de língua estrangeira dentro do Programa Nacional do Livro Didático, representando um

impulsionador de mudanças significativas com relação ao ensino de LE, podendo com sua aplicabilidade, quem sabe proporcionar uma mudança na realidade presente na narrativa apresentada.

O capítulo 10, “A língua inglesa na cultura brasileira e na política educacional nacional: um estranho caso de alienação”, com autoria de Ricardo Augusto de Souza, traz uma análise sobre as atitudes frente ao bilinguismo e ao multilinguismo nas práticas educacionais e o ideário brasileiro, fazendo contraponto à narrativa 14, a fim de expor as razões para que se apoiem movimentos de transformação.

No capítulo 11, que tem por título “Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de inglês em uma narrativa”, Ana Maria Ferreira Barcelos fala sobre as possíveis crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas, discorrendo sobre o ensino de inglês nas escolas públicas, sobre as crenças construídas na narrativa 14 a respeito do papel e identidade que o aluno assume na escola pública, no Cursinho e no curso de Letras, assim como a visão do papel do professor e dos lugares possíveis para aprender inglês no Brasil. Concluindo sua análise, faz importantes reflexões e implicações para a aprendizagem de línguas e a formação de professores. A autora faz um contraponto de sua visão com a visão do narrador, afirmando que é sim possível, e deve ser, aprender inglês em escola pública.

984

O capítulo 12, de Diógenes Cândido de Lima: “Quando o ideal supera as adversidades: um exemplo a (não) ser seguido”, levando o autor da narrativa 14 como inspiração, reflete sobre as possibilidades do ensino de língua inglesa nas escolas públicas, discutindo a expectativa de uma mudança de rumo, por meio de iniciativas – como a do livro didático, sem contudo considerar como uma solução milagrosa para a situação real.

No capítulo 13, temos uma reflexão trazida por Laura Miccoli, intitulado de “O ensino na escola pública pode funcionar, desde que...” a reflexão baseia-se justamente nas maneiras que podem fazer com que o ensino de LE nas escolas públicas funcione. A autora expõe as condições que considera fundamentais para tal: consciência do que significa ser professor, uma noção clara do processo de se incluir o ensino de uma língua estrangeira no ensino fundamental no Brasil e um ensino de línguas estrangeiras que seja capaz de cumprir com o propósito de sua inclusão no currículo da escola.

O último capítulo da obra, de autoria de Giêdra Ferreira da Cruz: “Quem faz o ensino de inglês na escola (não) funcionar?”, faz uma reflexão dos agentes norteadores do ensino da LE,

assim como uma análise da atitude do autor da narrativa 14 em comparação com as vivências dos professores de forma geral. Defende que a falha no funcionamento de inglês na escola é uma soma negativa de vários fatores, destacando três: escola, professor e aluno.

A obra em geral trata de visões relevantes sobre a narrativa 14 e sua ligação com a realidade vivenciada, permitindo traçar uma linha sobre o real e o ideal e o papel do professor nas mudanças apresentadas, assim como sua fundamental participação no âmbito em que se insere, seja como professor, aluno ou membro da comunidade escolar.